

A Suazilândia ficou sem direito de resposta

Debate foi quente, mas voz rouca da platéia foi censurada pela dama de ferro

Arnaldo Bloch

• Diante do plácido fundo azul com nuvens do cenário, estilo proteção de tela de computador, Lula, Ciro Gomes e José Serra vieram de preto, bem de acordo com a conjuntura político-econômico-social, e com a pancadaria que empreteceu os arredores dos estúdios.

De azul com gravata da mesma cor, Garotinho destoou: saído das trevas do palanque desabado, emergiu milagrosamente em plena forma (teria recorrido ao Filé?), atirando para todos os lados e sagrando-se o alfinetador oficial do debate.

Mas, mesmo de azul, agradeceu ao eleitorado e aos telefonemas de apoio, não aos

céus, a sua pronta recuperação. Foi Lula, ele sim, quem primeiro evocou o divino, possivelmente em reverência à nação "pêelista" de seu companheiro José Alencar: "que Deus ilumine todos, entrevistados, entrevistadores e os eleitores brasileiros" — rogou o candidato petista, ao dar seu boa noite aos circunstâncias.

Por outro lado, poderia ter sido Lula, mas foi Garotinho quem pregou a mudança do modelo econômico e responsabilizou a ganância do sistema bancário pelo sofrimento de povo e do empresariado brasileiros: pseudo-esquerda no vácuo de Lula moderado é a estratégia do momento.

Poderia ter sido o esquentado Ciro, mas foi Serra quem

fechou os pulsos, engrossou a voz, falou alto e partiu sempre para o ataque, defendendo-se com expressiva indignação. Ciro, por sua vez, cultivou equilíbrio verbal, voz mansa e gestos delicados, e falou sempre bonito e difícil, a ponto de defender que robô pague mais imposto (tudo bem, deu para entender, mas foi engraçado). A certa altura, consciente dos excessos tecnocráticos, se explicou: "São palavras técnicas, mas é para compreender melhor".

Ora, se são técnicas, quem vai compreender melhor? Os técnicos? Resolva quem puder essa "equação estratégica", para usar mais uma vez palavras de Ciro, que inventou também o "espírito de esquecimento", em discussão

sobre limites éticos, citando a veia conciliatória da República. Peralá! Superar antagonismos ok, mas exaltar espírito de esquecimento um dia depois de beijar-se com ACM, no país sem memória? Salvou-se, entretanto, ao exaltar o espírito de união nacional diante de uma configuração financeira internacional perversa.

Lula em sua nova fase conseguiu o impensável para um líder de pesquisas: foi o menos atacado dos candidatos, mas também não conseguiu arrancar grandes suspiros ou movimentar a adrenalina coletiva. No cômputo final, se preservou...

Por falar em adrenalina coletiva, a platéia deve ter saído com enxaqueca: todas ve-

zes que deu vazão a demonstrações de emoção como aplausos, ou a fluxos fisiológicos como exclamações, suspiros ou gargalhadas, foi severamente censurada pela dama de ferro Márcia Peltier, que, a certa altura, interrompeu-se no meio de uma frase perigosa: "peço que a platéia fique...". Refletiu elegantemente e, no único sorriso da noite, disse "atenta" em vez de "calada", mantendo a educação. Felizmente, o áudio da Bandeirantes permitiu sempre que o telespectador ouvisse a voz rouca do público, tirando a temperatura das reações.

Uma falha: a Suazilândia, "país que ninguém conhece", atacada por Garotinho, ficou sem direito de resposta.